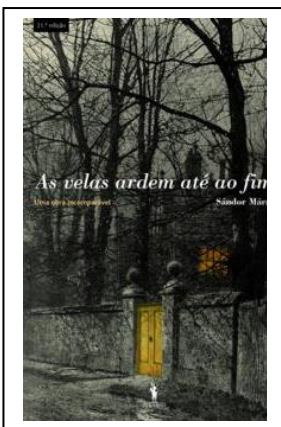


**[As velas ardem até ao fim]  
[Sándor Márai]****[Sándor Márai] Biografia:**

Sándor Márai nasceu em 1900, em Kassa, uma pequena cidade húngara que hoje pertence à Eslováquia. Passou um período de exílio voluntário na Alemanha e em França durante o regime de Horthy, nos anos 20, até que abandonou definitivamente o seu país, em 1948, com a chegada do regime comunista, tendo emigrado para os Estados Unidos.

A subsequente proibição da sua obra na Hungria fez cair no esquecimento quem nesse momento era considerado um dos escritores mais importantes da literatura centro-europeia. Foi preciso esperar várias décadas, até à queda do regime comunista, para que este extraordinário escritor fosse redescoberto no seu país e no mundo inteiro. Márai sempre escreveu em húngaro e produziu a maior parte de suas obras no período entre 1928 e 1948. Sándor Márai suicidou-se em 1989, em San Diego, na Califórnia, poucos meses antes da queda do muro de Berlim. Na sua trajectória literária fala das armadilhas do amor, da paixão, da vida, da dor, da decadência e da morte. Teve o seu olhar sempre voltado para todas as aventuras emocionais do homem. A força da literatura de Sándor Márai sempre esteve na sua descrença e na aceitação de seu destino.

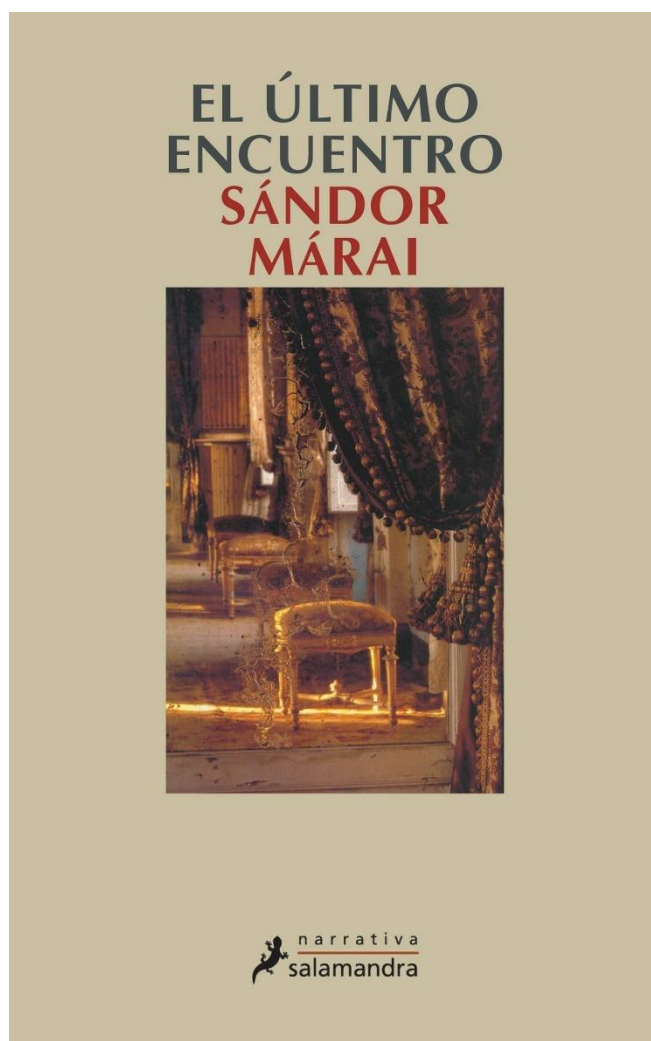
**Sinopse de [As velas ardem até ao fim]**

*Um pequeno castelo de caça na Hungria, onde outrora se celebravam elegantes saraus e cujos salões decorados ao estilo francês se enchiam da música de Chopin, mudou radicalmente de aspecto. O esplendor de então já não existe, tudo anuncia o final de uma época. Dois homens, amigos inseparáveis na juventude, sentam-se a jantar depois de quarenta anos sem se verem. Um, passou muito tempo no Extremo Oriente, o outro, ao contrário, permaneceu na sua propriedade. Mas ambos viveram à espera deste momento, pois entre eles interpõe-se um segredo de uma força singular...*

## O último encontro Sándor Márai

29 de outubro de 2022/

JUAN JOSE LARA - Zenda



Uma boa história não requer um grande elenco de personagens. Um diálogo com apenas duas pessoas ou um monólogo obrigam o autor a dotar as personagens de personalidades sugestivas, a dar a cada frase uma intensidade especial. São, em geral, obras de natureza reflexiva, introspectiva, filosófica; tão curtos de ação quanto ricos em ideias. Diz-se do romance que é o gênero onde tudo cabe, e cabem também essas histórias que não se relacionam muito mais do que o fluxo mental dos protagonistas. E, no entanto, não faltam os que criticam que essas narrações constituem, na verdade, um roteiro teatral disfarçado. JM Coetzee diz nesta linha, em seu ensaio *Internal Mechanisms*, de Sándor Márai que "sua concepção do



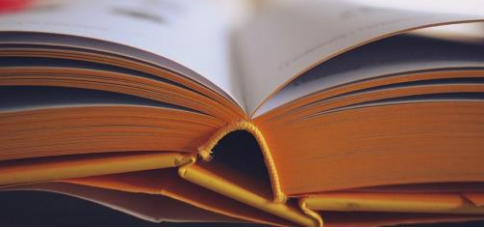
potencial do romance era limitada e, conseqüentemente, suas realizações nesse meio eram escassas".

Márai é o autor de um romance excepcional, *O Último Encontro*, cujo clímax é dado por um monólogo: o de Henrik, que se reencontrou com seu amigo Konrád, ambos agora na casa dos setenta, depois que este último desapareceu repentinamente há quarenta anos. Henrik descobriu que seu melhor amigo e sua noiva, Krisztina, estavam tendo um relacionamento secreto. A história é dividida em duas partes distintas. Na primeira, ele se refere à genealogia da amizade de Henrik e Konrád, dois jovens que se conheceram na Academia Militar —A Primeira Guerra era iminente—. Henrik tornou-se general e casou-se com Krisztina, que faleceria alguns anos depois. O general se aposentou cedo e desde então está enclausurado em seu castelo. O solilóquio de Henrik depois do jantar - a luz das velas pisca, os charutos queimam e os licores acabam - constitui a segunda parte da peça.

"Um dos grandes méritos do romance é levar o leitor pelo caminho que Henrik percorreu ao longo dos anos "

Por que exatamente Konrád voltou a Viena e por que concordou em jantar com Henrik? Estamos descobrindo isso ao longo do monólogo de Henrik. Konrád veio buscar seu jovem amigo para lhe fazer as duas perguntas que faltavam: Você queria me matar durante aquela caçada quando vi de relance como você apontou seu rifle para mim? Você me traiu ("no sentido mais real, vulgar e miserável da palavra") com Krisztina?

José María Guelbenzu (resenha publicada na *Revista de Libros*) considerou *El último encuentro* um exemplo de "falso grande romance", entre outros motivos pelo abuso do artifício da intriga. O texto, segundo Guelbenzu, baseia-se exclusivamente no desejo do leitor de saber a resposta para essas duas perguntas. No entanto, um dos grandes méritos do romance é levar o leitor pelo caminho que Henrik percorreu ao longo dos anos: o caminho mental que o levou a considerar que as respostas a essas perguntas não são realmente importantes. Essa é a grande virtude da obra: a fala emotiva e franca de Henrik, capaz de mostrar como as questões existenciais mais cruciais podem acabar nos parecendo irrelevantes.. Perceber essa irrelevância obrigou o general a refletir sobre questões verdadeiramente profundas. Porque não há intriga para Henrik: ele sabe exatamente o que aconteceu. Ele só busca palavras para operar a cura catártica da compreensão e do perdão; Ele busca apenas o alívio que lhe permite expirar em paz. Guelbenzu também critica o caráter monolítico dos personagens: eles não evoluem. Mas não pode haver evolução maior do que a experimentada pelo velho general: a daquele que no passado daria tudo por informações que agora considera triviais.



" *O último encontro* é um romance sobre as conversas que gostaríamos de ter tido e que nunca tivemos "

*O Último Encontro* é um romance sobre as conversas que gostaríamos de ter - para as quais nos preparamos por dias, semanas, meses, anos; para o qual escolhemos cuidadosamente as palavras e ensaiamos os gestos - e nunca o fizemos. E contém uma lição: amadurecer (envelhecer?) consiste em entender que não os teremos e que não importa se os tivemos ou não. O que nunca realmente importou. Porque as palavras não importam, porque os fatos dizem tudo.

Em *El último encontro*, por trás da aparência da novela, há grandes questionamentos. Depois das duas questões que queimaram o espírito de Henrik em sua época e que só interessavam a ele, há questões de interesse universal.; os afazeres que ocuparam o general em seu castelo desde que foi deixado sozinho transcendem a anedota biográfica e configuram questões inevitáveis sobre a natureza humana: as palavras não são supérfluas diante da força incontestável das ações?; O amor é mais forte que a amizade?; É possível perdoar uma traição? Como a ferida da traição evolui ao longo dos anos? "É claro", confessa Henrik melancólico, "que a solidão não me deu a resposta." Este livro —romance?, monólogo teatral em prosa com uma parte introdutória? Quem se importa - ela também não vai dar a eles, mas eles vão gostar de fazer perguntas um ao outro.

-----

Autor : Sándor Márai. Título: *O Último Encontro* . Editora : Salamandra.

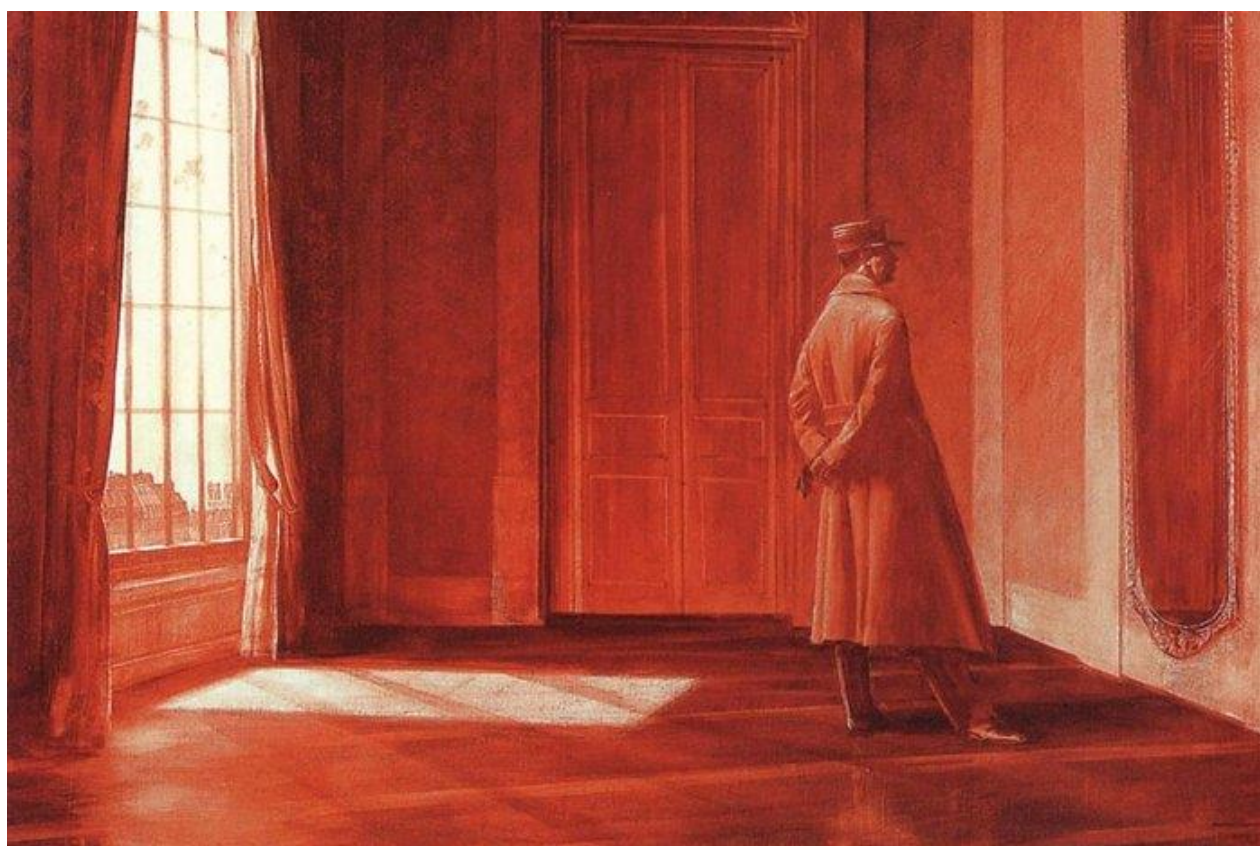


# O que seria a amizade?

É curioso como jamais falamos com quem interagimos, mesmo os amigos, sobre as mazelas da sua vida familiar, acerca de sua vida sexual, sobre seus proventos e sua situação financeira

14/09/2021 - 11h11min

**CARLOS ALBERTO GIANOTTI**



*"As Brasas": detalhe da capa do romance do húngaro Sándor Márai sobre dois amigos que se reencontram depois de não se comunicarem por 41 anos*  
Companhia das Letras / Divulgação

**Carlos Alberto Gianotti (\*)**

*"Se, na amizade de que falo, um pudesse obsequiar ao outro, aquele que recebe o benefício é que estaria obsequiando seu amigo." (Michel de Montaigne, em **Da Amizade**)*

*"Algo no infortúnio de nossos amigos não nos é totalmente desagradável."* **(Duque de La Rochefoucauld)**

Ao longo de toda vida adulta economicamente ativa, os indivíduos mantêm variados objetivos, e para os atingir precisam contar com a colaboração de outros; todavia, se for necessário àquele atingimento, se lhes pode puxar o tapete, mesmo se tratando de alguém considerado amigo – uma vez que antes de tudo vêm os próprios interesses de cada um. Este é o círculo do eu, que não aceita limites.

É curioso como as criaturas humanas rigorosamente jamais falam àquelas com quem interagem, mesmo aos amigos, sobre as mazelas da sua vida familiar, acerca de sua vida sexual, sobre seus proventos e sua situação financeira. Em geral, tais coisas se as mantêm escondidas; sobre elas, ou não se fala, ou se mente acerca delas.

Muito se tem ouvido das pessoas durante esta **pandemia**, que sentem falta da comunicação direta com os amigos, quando muito restrita a conversas por vídeochamadas telefônicas. Porém, seria adequado indagar se esses amigos, a quem se referem ao dizer que se sente falta do falar com eles, seria uma generalização do vocábulo, ou de amigos na acepção da **amizade** singular e perene.

Haverá categorias de amigos? Ou amigo é uma condição única, o qual é diferenciado do mero conhecido, do colega de trabalho ou de aula com quem se convive amiúde, do vizinho de há anos, daquele a quem no passado se chamava "meu faixa", e, na modernidade, o amigo da **rede social**? Serão todos esses efetivamente amigos, ou apenas meros conhecidos com os quais é nutrido algum interesse mútuo, digamos, por trabalhar num mesmo local ou comungar ideias e, assim, poder conversar amistosa e agradavelmente em certos momentos, mesmo pelas redes? Mas nesses diálogos, haverá de ser ocasionalmente descrito ao assim chamado amigo, aberta e honestamente, aquelas já faladas mazelas da vida familiar, a vida sexual e os valores de proventos e a situação financeira? E se irá relatar sem evasivas sobre as lutas pelo poder e sobre como foi dada a rasteira no colega para lhe usurpar o cargo na empresa?

O escritor húngaro Sándor Márai (1900-1989) publicou em 1942 um dos grandes romances do século 20, *As Brasas* (Companhia das Letras, 2017), que trata da amizade. Narra o diálogo entre dois amigos inseparáveis desde a **infância** até parte da vida adulta, que se reencontram depois de não se comunicarem por 41 anos. É o diálogo entre dois velhos, revelando-se impressionante na prosa de Márai que, com 41 anos idade quando a concebeu, conseguiu exprimir em tom verossímil a linguagem, a problemática e os sentimentos de **idosos**, numa amostra de talento literário.



Dirá o leitor atento: como pode o romance abordar a amizade entre pessoas que deixaram de se comunicar havia 41 anos? Pode-se mencionar como amizade a de dois indivíduos que não interagiram por qualquer meio por tanto tempo?

Em *As Brasas*, Márai fabula que ser amigo de alguém é quase um serviço prestado ao outro, porque se o aceita, com seus defeitos e idiossincrasias, com suas neuroses, sem se ver obrigado a isso e nada esperar de volta; quanto vale uma amizade que almeja recompensa?, indaga o autor. Ser amigo vem a ser um sentimento não escolhido em relação ao outro, afeição de dimensão ampla e fundamental, mas sem qualquer natureza contratual, assemelhando-se quase a uma paixão, na medida em que tem feições de um altruísmo que do outro nada exige, nada espera.

A amizade não pertence ao círculo do eu, pois não comporta a inescapável luta pelo poder; ela diz respeito ao círculo do nós, o eu e o outro, ambos nada esperando reciprocamente; ou seja, a amizade é um máximo de perfeição como sentimento peculiar das relações humanas, como disse o inigualável Michel de Montaigne (1533-1592). E não pertence ao ambiente das redes sociais.

(\*) *Professor de Física e editor-executivo da Editora Unisinos*



## Sándor Márai, o último senhor da Europa

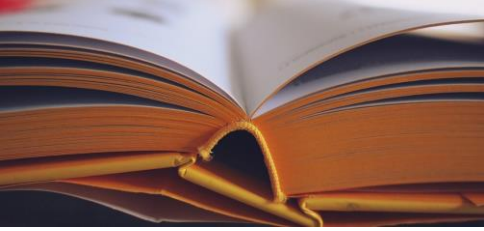
fevereiro 11, 2019 Por Francisco Goñi

(<https://www.blogletras.com/2019/02/sandor-marai-o-ultimo-senhor-da-europa.html>)



Hungria, 1918. Um jovem espera ansioso que se imprima seu primeiro livro de poemas. Encontra-se por detrás das máquinas de impressão. Neste lugar se produz também um dos jornais diários da cidade de Kaschau e falta nesse momento uma nota principal e o redator não acompanha o trabalho de





impressão. Então se convida o rapaz para que escreva de maneira rápida um texto. Assim começou a paixão literária de Sándor Márai.

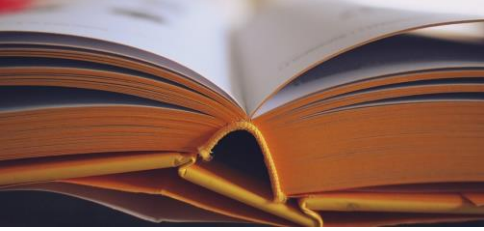
Em Kaschau, cidade multicultural e poliglota da Alta Hungria, hoje parte da Eslováquia, nasceu, em 1900, Sándor Márai. De uma família tradicional foi educado sob o espírito dos ideais burgueses do século XIX. Sua cidade natal sempre significou um orgulho, já que por mediação alemã, foi uma das mais importantes da cultura burguesa e do urbanismo da Hungria. No romance Kassai örvjárat (Patrulha a Kaschau, em tradução livre) comenta: "As épocas heroicas da burguesia criaram na Europa essa obra de arte que chamamos cultura ocidental".

Sándor Márai – de nome completo e verdadeiro Sándor Károly Henrik Grosschmid – sabia perfeitamente que a classe burguesa não apenas tinha os meios de produção e controle da economia, como definiu Karl Marx, como eram os construtores de uma classe intelectual os que propiciavam o desenvolvimento das ciências e das artes. De fato, em todos os seus livros sempre se aborda a relação entre criadores e gente de poder.

Durante uma estadia de verão da família Grosschmid, em 1914, apareceu um hussardo no salão principal: o sucessor do trono Francisco Fernando havia sido assassinado em Sarajevo. O registro de Márai está repetido várias vezes em Confissões de um burguês: esta tarde se rompeu uma forma de vida"; e, completa seu biógrafo húngaro Ernő Zeltner: "para ele foi o princípio do fim de uma sociedade, de um mundo".

Sándor, como todos os jovens de então, foi convocado pela comissão de recrutamento militar, mas se declarou fisicamente incapaz para o serviço. Inevitavelmente, a maioria dos jovens que foram pereceram no front. Márai colocou em questão a condição burguesa e simpatizou com as ideias revolucionárias. Nos primeiros romances, como em Rebeldes, mostra sua perturbação ante a guerra, desejava lutar contra a sociedade bárbara e mentirosa que o rodeava, denunciar a falsa ordem. Com profunda dor escreveu: "A amada pátria sangrava ante os olhos de minha geração, nós buscávamos o culpado pelo crime com a cega paixão da raiva e do ódio".

Aos dezoito anos se converteu em colaborador do jornal liberal Magyarorzág, vivendo de perto a nova ordem que propunha a República dos Conselhos Operários. Embora esse processo, antecedente comunista, só tenha durado cento e trinta e três dias, Márai simpatizou com o movimento na esperança idealista de um novo começo, um mundo melhor. Seu compromisso político perdeu força com a chegada de Miklós Horthy e suas tropas anticomunistas. No dia 4 de junho de 1920, a Hungria assinou o tratado de paz e perdeu dois terços de seu território.



Desencantado, Márai declarou abertamente sua inclinação pelos ideais burgueses, mas, nunca perdeu a consciência social, sempre esteve à favor dos menos favorecidos e reprovou a violência.

O pai de Sándor, Géza Grosschmid, prestigiado advogado e mais tarde vicentino real, queria para seu filho um futuro traçado pelas linhas da tradição burguesa. Pediu-lhe que se formasse em direito, mas ele, por suas inquietações literárias, se negou a tanto. Assim começariam longos anos de peregrinação fora de casa.

Inicialmente foi matriculado na escola de jornalismo de Leipzig, na Alemanha. Mas levava o tempo vagabundeando e mais nas mesas dos cafés que nas aulas. Em curto tempo, se aproximou de escritores, atores, bailarinas, e se entregou a tudo quanto era aventura erótica que a ele se apresentava. Em *Confissões de um burguês* não apenas registra suas andanças sem destino, como se aprecia a formação que obteve através do jornalismo; meio que mesmo assim permitia-lhe sobreviver e estar em contato com o ambiente literário. Isto é, a Alemanha representou para ele uma escola e um trabalho.

Sua residência foi bastante instável. Mudou-se para Weimar, Frankfurt, Berlim. Nestes anos viveu uma aproximação importante com a cultura local. Por herança de sua mãe, desde criança, falava perfeitamente alemão, mas foi nesses lugares que se nutriu de leituras inesquecíveis: Goethe, Rilke, Kafka, Trakl e toda a corrente do expressionismo alemão em voga. Infiltrou-se por essa efervescência literária e nunca mais saiu dela. Escreveu obras para o teatro, poemas, romances, crônicas, resenhas. Fundou revistas e colaborou para jornais importantes, como o *Frankfurter Zeitung*, onde seus textos apareciam ao lado dos de Thomas Mann, Stefan Zweig ou Gerhart Hauptmann. Da época se conserva uma importante fotografia em que aperta amistosamente a mão de Thomas Mann. Sobre esta, comenta o prêmio Nobel húngaro Imre Kertész: "os dois últimos escritores europeus que abertamente se consideravam e se declaravam burgueses, e que conscientes de sua vocação, abandonaram sua classe convertida em traidora e suas nações sumidas na catástrofe".

Márai se viu interessado tanto pela cultura clássica como pela literatura de vanguarda. Foi leitor apaixonado de Thomas Mann e Franz Kafka. Foi responsável pelas primeiras traduções para o húngaro de *O processo* e *A metamorfose*. Funcionou como importante ponte linguística entre a Hungria e a Alemanha.

Em meio ao furor berlinense que respirava, um dia apareceu em sua vida Lola, filha de uma abastada família judia de Kaschau, e que se tornaria sua companheira até o dia de sua morte. O precoce casamento levou a mudar de residência para Paris, mas a estadia não foi nada amável; Márai se sentia um

ilhado da vida cultural no novo país. Passaram altos apuros econômicos e uma grave doença quase pôs fim à vida de Lola. Por isso, não deixaram de pensar em retornar à pátria amada. No que poderia ser o regresso, estiveram um tempo pela Itália, onde Márai se deixou impregnar das belas cidades. Mais tarde, este momento servirá ao escritor para contextualizar o pícaro Casanova no belo romance *Jogo de cena em Bolzano*.

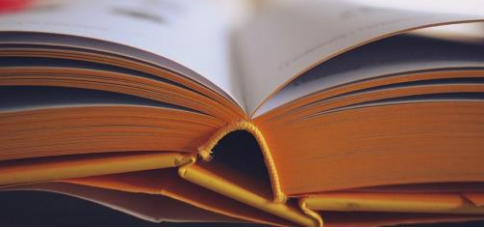
Decidiram voltar para Paris com novos bríos. Mudaram-se para um bairro melhor e Márai se sentou decididamente ante a máquina de escrever. Visitou as tertúlias no Café du Dome, onde se reuniam os escritores mais importantes e leu apaixonadamente Flaubert, Stendhal, Proust e Gide. A sorte agora o favoreceu amplamente: começou a colaborar em vários meios e em distintas línguas. Suas viagens ao Próximo Oriente (Egito, Palestina, Síria e Turquia), Grécia e Itália se converteram em crônicas que se publicavam na Alemanha, Paris, Tchecoslováquia e Hungria.

Mas, pela primavera de 1928, regressou à sua querida pátria. Levou consigo a agenda cheia de contatos literários de toda a Europa; tinha já as portas abertas para consolidar sua carreira. Seguindo os passos e conselhos dos escritores Deszö Kosztolányi, Zsigmond Móricz e Gyula Krúdy continuaram quinze anos de incansável produção literária, reconhecimento e fama. A forte atividade jornalística que manteve fortaleceu a aparição de romances, livros de viagem, ensaios e antologias de poemas: a passos largos cativava leitores.

Sándor sempre manteve um estilo fino, profundo e crítico. Influenciado por A decadência do Ocidente, de Oswald Spengler, conservou o olho clínico que o permitiu intuir as artimanhas de Hitler e suas terríveis ameaças. Em 1933, foi convidado como jornalista para presenciar a ascensão de poder do fascista alemão. A partir daí saiu atormentado ao ver como o povo caía seduzido por semelhante déspota. Escreveu vários artigos que denunciavam e ridiculizavam a ideologia fascista.

Enquanto isso, em Budapeste, continuava ampliando o sucesso com *Confissões de um burguês* (1934), *Rebeldes* (1937), *Füves könyv* (*Herbário*, t. I., 1938), *O legado de Eszter* (1939) e *Szindbád hazamegy* (*O regresso de Simbad*, t. I., 1940). O Teatro Nacional sempre tinha alguma de suas peças em cartaz. Em 1938, consideravam-no um dos mais importantes escritores do país. “Era famoso, popular, louvado e tinha dinheiro”, comenta Zeltner. Estabeleceu seu reduto no Café Philadelphia, cenário que utilizou para o seu romance *Az Igazi y Judith* (*A mulher justa*, t. I.).

Também redigia seus diários que se publicariam mais tarde com o título de *Föld, föld!* (*Terra, terra!*), onde refletia sobre a preocupante vida política do momento: “O rumor da história raras vezes encontra as pessoas do presente preparadas. Sem esperá-lo, em ocasos nos inteiramos de que algo,



irrevogavelmente, chega ao seu fim”. Suas palavras estavam cheias de sombrias preocupações por ver a tormenta que se preparava.

A situação política recrudescer pouco a pouco; os intelectuais burgueses na Hungria seguiam com inquietação as notícias na Áustria. Souberam que tudo mudaria no dia em que Hitler entrou triunfalmente na capital dos Habsburgo.

O ano de 1939 marcou Márai. Emocionado, recebeu nos braços seu primogênito, mas as flores e festejos duraram pouco. O pequeno Kristof morreu seis semanas depois. Mária viveu a dor em silêncio. E, incrivelmente não deixava de trabalhar e publicar.

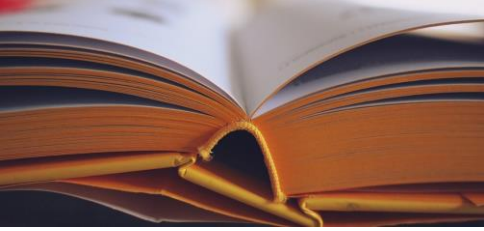
Os primeiros anos da guerra não representaram obstáculo para que continuasse a fertilidade de sua escrita. Publicou *Jogo de cena* em Bolzano (1940) em versão em prosa e para o teatro; considerado o romance que contribuiu para consolidar seu sucesso. Publicou três volumes da sua obra completa, no ano seguinte, narrativas breves como *Varázs* (Magia) e iniciou *Az igazi* (Viagens de um matrimônio), belos monólogos sobre a complexidade do amor, como os conhecidos em *Az Igazi* y *Judith*. Em 1942 foi eleito membro da Academia Húngara de Ciências.

Toda a aprendizagem adquirida no mundo, a depuração de seu estilo, balanceada mistura de clareza e beleza, suas profundas reflexões sobre o Império Austro-húngaro e a melancólica despedida de uma época, ficaram refletidas no seu romance mais importante: *As brasas* (1942). Decantação configurada com o poder da oralidade e o logos heideggeriano. A narrativa de *As brasas* é o ponto alto da obra de Márai.

Esta lembrança sobre os últimos anos da burguesia húngara representa o testemunho personalíssimo da forma de vida que oferecia o império, seus costumes e rituais, a profunda educação em ciências e artes, o respeito pela música, e sobretudo, os códigos morais para viver. O crítico Mihály Szegedy-Maszák, disse: “a literatura húngara não possui nenhum autor que escreva de forma mais autobiográfica que Márai”. E demonstra encontrando em todos os seus romances elementos que falam parcialmente de sua época ou de sua própria vida.

Dois amigos são os protagonistas de *As brasas*. Ambos entraram para a Academia Vienense para adquirir os conhecimentos mais nobres e importantes da vida e acessarem ao status quo: ser parte do majestoso Império Austro-húngaro. Cada um assimilou à sua maneira o período de formação. Henrik, quem provém de uma família abastada, chegou a se formar como general e cumpriu com honradez os princípios militares. Konrád, pobre e de aguda sensibilidade, sempre encontrava noutro lado menos no presente. Deixava-se raptar pela taciturna música de Chopin até a algum lugar onde ninguém mais





poderia entrar, conservando assim o sagrado espaço do homem: a intimidade. Henrik sempre viu com suspeitas essa paixão. Não apenas distanciava-o dos amigos, como supunha uma espécie de anarquia.

Diz Márai: “Alguém passa a vida preparando-se para algo”. A cativante amizade entre os jovens miliares se assemelhava à fatalidade apesar dos caros horizontes que os uniam. Krisztina, a mulher de Henrik, agora general, tal como Helena de Troia, foi motivo para eclipsar o amor entre eles. Konrad desapareceu durante quarenta e um anos, triste por não manter ilesa sua pátria, um sentimento. A bela mulher anos mais tarde morreu e o general ficou sozinho com sua fiel empregada a viver num enorme castelo. Depois de tantos anos, o amante da música voltou para uma última conversa: “sabíamos que não voltaríamos a nos ver, e que com isso tudo se acabaria. Se acabaria nossa vida e tudo o que até agora havia preenchido nossa vida de conteúdo e de tensão”.

A dura relação dos amigos está traçada como paixão, marcada por sentenças de elevada sabedoria que chamam atenção por sua força: dizeres que sublinham verdades e aprendizagem que atravessam a alma. Márai sublima a amizade como sentimento superior ao amor. Radicaliza o que um homem é capaz de sentir por outro, desde o amor que ensinou Platão no Banquete à ira mais violenta, recordando Tchékhov e Dostoiévski.

A monarquia bicéfala caiu. O general esperou quatro décadas para arrancar um segredo de seu amigo. Se ele e sua mulher mantinham um romance que traía o enorme sentimento entre eles, e um dia de caça havia planejado matá-lo ou nunca se atreveu?

O último encontro poderá levá-los ao duelo esperado há tanto tempo sobretudo agora quando os nervos estão tomados por uma tensão acumulada. Em primeiro instante, o general estava preparado para matar Konrad, mas decidiu assassiná-lo com perguntas. Agora que são velhos, que cada um viveu um caminho diferente, com uma dor parecida. Com beleza, diz Márai: “No fim, no fim de tudo, alguém responde a todas as perguntas com os acontecimentos de sua vida: às perguntas que o mundo fez reiteradas vezes. As perguntas são estas: “Quem eres? O que tens querido da verdade? O que sabes da verdade? Com que ou com quem tens te comportado com valentia ou com covardia? [...] Alguém no final responde com sua vida inteira”. Konrad se manteve num prolongado silêncio – essa foi sua resposta.

Em *As brasas* respira-se a Viena de 1900, momento estelar da humanidade, considerado o segundo renascimento da Europa: as ideias de Freud, as notas de Mahler, a crítica da linguagem de Mach, a filosofia de Nietzsche, os poemas de Hofmannsthal, as personagens sonâmbulas de Broch, Musil e Roth, as

mulheres nuas de Schiele, os edifícios de Otto Wagner; mundo sem paradigma que a guerra exterminou.

“Viena tem sido para mim um diapasão do mundo [...] um som que ressoa na alma para sempre”, se lê com íntima confissão neste romance que anos mais tarde foi levado à televisão (1967) e se converteu no livro mais reconhecido e vendido de Márai. Mas, com o início da guerra, chegaria a má sorte que se prolongaria por décadas.

O escritor Prêmio Nobel J. M. Coetzee em *Mecanismos internos* escreve sobre *As brasas* e o furor editorial que detonou em princípios da década de noventa do século passado. A leitura que faz tende a caricaturar a obra e a figura de Márai. Injustamente, desqualifica com dureza um dos grandes escritores do século XX, já que confessa haver lido apenas parcialmente sua obra. As impressões sobre dados biográficos e a crítica política são questionáveis. Em contraponto, Imre Kertész possui o comovente e bem-fundamentado texto “*Confissões de um burguês: apontamentos sobre Sándor Márai*”, em que não só reafirma sua qualidade literária como sua posição ante a história.

Em 1944, os alemães entraram na Hungria; Sándor compreendeu que cedo ou tarde deveria abandonar definitivamente o país. Em protesto decidiu não publicar mais durante a ocupação. Logo, os bombardeios britânicos sobre Budapeste o obrigaram a abandonar sua residência, refugiando-se em Leányfalu, povoado situado às margens do Danúbio. Sua família desamparada, tal como o país inteiro, chegou a mendigar por comida. No ponto extremo do caos, o exército russo tomou a Hungria. As duras experiências da imundície e miséria total estão registradas em *Terra, terra* – diários que são até o presente considerados os textos íntimos mais caros de Márai. Não só sua classe burguesa estava apagada, mas toda uma época; tal como pensou o general Henrik: “Houve um mundo pelo qual valeu a pena viver e morrer. Aquele mundo morreu”.

Para continuar em contato com Budapeste colocava em risco a própria vida tomando o trem de prisioneiros que passava próximo do seu refúgio; Imre Kertész, de sua dura experiência no cativeiro, recorda: “Não sei por que me invade de golpe a sensação de alegria e gratidão pelo fato de que Sándor Márai me via. Ele tinha quarenta e quatro anos; eu catorze. Viu o menino com a estrela amarela [...] e sabia o que aquele menino não sabia então: que logo o levariam para Auschwitz”.

Kertész mantém equilíbrio e objetividade com Márai. Compreende sua genialidade e o sentido real da classe burguesa, embora o peso da história represente uma dor extrema e quase tenha acabado com sua vida. Sándor, no ponto alto da guerra, escreveu: “Que mais pode fazer um escritor?”; para Imre

Kertész é difícil de interpretar, mas destaca: “é a impressão espiritual mais pura, mais ampla, mais importante daquele tempo”.

Dissipado o perigo, Sándor voltou a Budapeste; encontrou só ruínas de seu lugar e de sua querida biblioteca. Nunca conseguiu reconstruir a tranquilidade: “Quando a guerra chega ao fim nos espera uma quantidade incomensurável de tarefas; há que enterrar os mortos, remover escombros, dar de comer aos famintos e construir uma nova espécie de Estado a partir das montanhas que deixaram para trás essa horda de ladrões e de assassinos”.

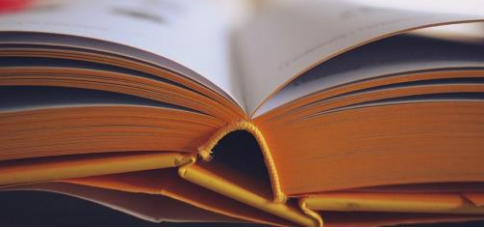
Quando começaram os esforços para restabelecer na Hungria a vida cotidiana e as atividades culturais, vieram os convites para que presidisse a Associação Geral de Escritores Húngaros e o PEN Club Húngaro, mas Márai sabia que sua classe depois de semelhante guerra havia perdido a oportunidade de recuperar a história.

Em meados de 1948, por pressão comunista e do Exército Vermelho, foi fundado o Partido dos Trabalhadores: todos os burgueses sobreviventes seriam despojados de suas propriedades e pertences. Para ampliar o desencanto e a humilhação, críticos partidários, como Gyorgy Lukács, lançaram-se ferozmente contra Márai, o que desencadearia a censura de sua obra durante décadas e, por conseguinte, o esquecimento.

Não havia alternativa além do exílio definitivo. Lola, Sándor e o pequeno János, o filho adotivo, viajaram para a Suíça e depois para a Itália. Não existiu algo mais doloroso para Márai que ser obrigado a novamente deixar sua pátria – significou para ele a autoaniquilação.

Enquanto isso se radicalizava a guerra fria. Graças a peregrinação que fizeram nos dois países, pode cobrar os valores pelas traduções de sua obra. Foi em Nápoles onde conseguiu se estabelecer e reorganizar seu trabalho literário; aí escreveu *Ami a Naplóból kimaradt* (Oração fúnebre, 1951) e *Béke Ithkában* (Feitiço em Ítaca, 1952) e começou a trabalhar na Radio Europa Livre. A revolução húngara de 1965 o fez pensar que poderia voltar para casa, mas a nova ocupação russa quebrou suas esperanças.

Os arranha-céus, as bibliotecas, o clima e os passeios à praia fizeram suportável sua estadia na América, que só se interrompia por algumas viagens a Europa. A produção literária, entretanto, começou a rarear. Escreveu ainda *San Gennaro vére* (O milagre de São Genaro, 1957) e *Erösítő* (O conformista, 1975); e se dedicou com todo empenho a continuar seus diários, nos quais encontrava consolo através dos fragmentos monológicos. Anos depois mudou de residência, para San Diego. A partir daí subsidiava suas próprias publicações na editora de Toronto Vörösváry. Conseguiu ter em mãos vários volumes de seus diários e a conclusão da saga familiar da dinastia dos Garren.



A iminente velhice deixava estragos. A doença e a morte de Lola em 1986 minaram seu interesse de continuar: “É cansativo colocar em ordem cada novo dia isso que os biólogos chamam reação química e que na linguagem comum chamamos de vida”.

Mas, parece que a história o enganava: seu nome começou a repercutir novamente na Hungria. Começaram a tentar insistentemente para que voltasse para casa oferecendo-lhes generosos contratos editoriais e homenagens.

As enfermidades, entretanto, se ampliaram e descartou qualquer possibilidade de retorno: “cada vez que me acordo o sabor da morte está em minha boca”. Pouco antes de ser internado no hospital em 15 de janeiro de 1989, desiludido de tudo, escreveu uma nota de despedida aos seus amigos e editores. Pegou um revólver e atirou contra si.

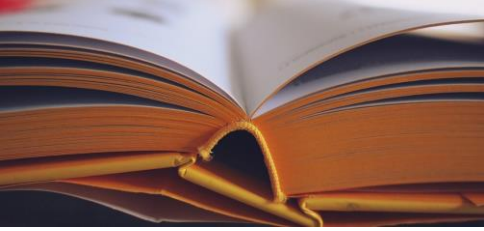
No ano seguinte, como tributo póstumo, foi-lhe concedido o prêmio Kossuth, o maior reconhecimento literário na Hungria. Oito anos mais tarde, o crítico Marcel Reich-Ranicki recomenda que se publique sua obra na Alemanha e se converte de imediato num acontecimento literário neste país. Seu nome, depois de anos de esquecimento, é agora presente entre os mais importantes escritores da Europa.

**Notas:**

*As traduções de excertos da obra de Sándor Márai, quando aparecer neste texto, são traduções indiretas do original em espanhol e não das traduções já publicadas no Brasil.*

Este texto é uma tradução de “Sándor Márai. El último señor de Europa”, aparecido no suplemento Tiempo en la casa, de Casa del tiempo





## **SÁNDOR MÁRAI: DO TRATADO DA AMIZADE**

26.08.21

Centro Nacional de Cultura / Raíz e Utopia

Aprende-se que há um amor a todos os títulos fecundo quando os homens são capazes de criar e de manter a vivência de uma amizade como salto qualitativo na forma de viver.

O romance *As Velas Ardem Até ao Fim* tem sido merecidamente aclamado, mas um autor como Sándor Márai, nunca por excesso será nomeado, tal a força da sua imensa inteligência no poderosíssimo discurso escrito.

Entramos num ecossistema de leitura diferente de cada vez que revisitamos estas velas que ardem qualitativamente catalisadoras de transformações profundas e que sempre direi a reler neste romance.

A magia de um diálogo deslumbrante neste livro, acode ao mistério do tudo e do nada, há quarenta e um anos vivido lado a lado com o que se não pode resolver, ou, por se tratar de ideias falsas, ou, por tão perto e de tão perto, que já não acresce reconhecer o que afinal de nós nunca saiu e tanto no outro se procurou.

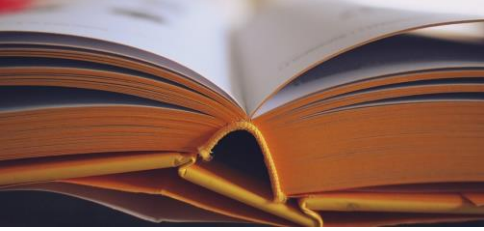
E procurou-se no jeito dos porquês e dos comos, ambos miseravelmente idênticos, ambos fórmula sem testemunha que deponha benevolente.

Afinal, da leitura deste livro fabuloso, também resulta que a tudo se sobrevive e, talvez que muitos silêncios sejam mais humanos do que as palavras alguma vez o foram, na ânsia de qualificar a vida.

Existem muitos crimes que os códigos não reconhecem pois que pouco sabem de conteúdos. Também existem misérias e grandiosidades, vaidades e preconceitos que ardem como as velas, muitas, ainda assim, expectantes que se não apaguem de morte esquecida.

E reli e irei reler e apelo à (re)leitura deste romance de Sándor Márai *As Velas Ardem Até ao Fim*. Todas as noites têm luz quando se sugere um livro como este, pleno de palavras meticulosamente talhadas na alma das pedras.

A realidade é um pormenor na luz flutuante do salão que abriga o diálogo entre dois homens, amigos inseparáveis. Amigos migratórios. Amigos que reconhecem os defeitos e as consequências dos mesmos. Amigos que se não amam apenas pelas virtudes e pelas fidelidades. Amigos até que ambos amparam a bala que afinal não era inteiramente sincera.



Também existe uma mulher neste livro, tal como a amizade que quando surge é um destino.

Também é no seio de uma comum permissão secreta que não se deseja libertar as verdades que em comunhão com uma paixão tiveram ambição de soldado.

E houve guerra. E solidão. E castelos e conventos e cortinas e uma nudez humana que responde com toda a sua vida.

Também existem muitos significados de caça que só muito mais tarde se entendem. Em verdade, as caças têm muito de despedidas, têm muito do foste tu que me chamaste?

Com tudo o que de brilhante nos ocorre quando lemos este livro, o caos da criação onde se desenvolve a dignidade humana, é ainda mais cintilante, quando o sentimos como uma obrigação nobre, tão nobre que faz parte do ofício do entendimento, como andar a cavalo, ou participar num concerto de Chopin.

Oculto e exposta está a sensualidade deste livro. Surge-nos como consequência natural das circunstâncias que levam as mãos ao tremor, tão antigo na paixão, quanto jovem e permanente ao posto de vigia: licor líquido cor de púrpura a quem no acto de leitura o não descuida.

Citando Sándor

“Era o momento em que a noite se separa do dia, o mundo de baixo do mundo de cima. E talvez haja outras coisas que também se separam nesses momentos (...) já não é noite, mas ainda não é dia.”

E nem sempre se argumenta com palavras da razão. Digo.

Teresa Bracinha Vieira

31.03.10

## Sándor Márai

### A História, e cada um de nós

Em *A Gaivota*, Sándor Márai deixa certas passagens que nos ficam em branco, mas oferece-nos esse momento revelador da "alma" dos seus personagens a que um poeta chamou, num dos seus versos, *o instante suspenso*



**Poderia perguntar-te, qual é que te parece mais importante, a grande História ou a pequena, a nossa... em que estás mais envolvida, as complexidades do mundo ou o nosso assunto, qual é a trama mais importante para ti?...**

**Sándor Márai, "A Gaivota"**

A pergunta do narrador de Sándor Márai, na novela *A Gaivota*, creio ser mais pertinente do que parece, tanto no contexto da História europeia, como em qualquer outra geografia. Olhai para certas fotografias de cidades sob bombardeamento, como me lembro de ver uma de Londres, em que os cidadãos, após momentos do que supomos entre a vida e morte violenta, correm à rua e sentam-se a folhear e a ler os livros que transbordaram cá para fora com o desmoronamento dos prédios. Recordo ainda ler toda a obra do grande crítico e ensaísta americano Edmund Wilson, cuja consciência da

História, lado a lado com o seu profundo americanismo, sempre havia tido a Europa no seu centro, quer a sua literatura quer as questões ideológicas que faziam estremecer as sociedades ocidentais desde a chegada de Lenine ao poder. Pouco diria ele – ele, que participou na I Grande Guerra – durante todo o conflito mundial, concentrando-se quase só em literaturas étnicas ou minoritárias que descobrira naquela altura, ou então em revisitações constantes ao melhor da literatura russa.

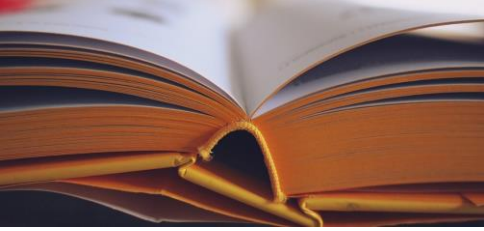
Entretanto, era a vida quotidiana, como se mais nada de grande importância estivesse a acontecer no resto do mundo. Até mesmo na correspondência daqueles anos, ou no seu famoso diário organizado por décadas – *The Forties*, por exemplo – se encontramos muito sobre a guerra que viria a ser decisiva para nós todos, em qualquer recanto mundo. Só no depor das armas viajou por alguns dos países destruídos no velho continente, fazendo um balanço da catástrofe, mas mais ainda do estado literário entre as duas grandes guerras, com visitas a grandes escritores, como George Santayana.

Nos nossos dias, por certo, esta atitude não será muito diferente na literatura criativa, aparecendo um outro romance de várias nacionalidades que têm como tema fundamental a grande destruição em curso, a incerteza política em toda a parte. A pergunta do narrador, na citação que faço aqui de Sándor Márai é ainda mais pertinente quando consideramos os anos da sua escrita e publicação, assim como o que poderemos considerar o seu cenário de fundo – o indivíduo perante e mesmo dentro das geografias em convulsão, como seria a Hungria naquele preciso momento da história europeia, e ainda mais o facto de o narrador ser, de certo modo ou insinadamente, um dos participantes políticos em decisões de grave impacto, possíveis e plausíveis, no que respeita aos rumos dos acontecimentos portas adentro.

A *Gaivota* é uma novela, mas por vezes na sua prosa deixa cair essa sua tendência na sua contundência narrativa, nalguns instantes quase lírica, na aparente busca de um romance de fôlego, ficando o leitor incerto sobre os possíveis significados das palavras trocadas entre os dois protagonistas, ou de certas acções que permanecem absolutamente obscuras, mas que sabemos ser de importância para o que esperamos acontecer, mas nunca se concretiza ou desenvolve. Suponho que uma novela também deve ser elíptica – pela natureza da sua forma – deixando ao leitor a tarefa de perceber todo ou qualquer mistério da sua linguagem, contida e metafórica.

Diga-se ainda que, na leitura de uma obra desconhecida, como é para mim a deste autor, sigo um dos mais pertinentes postulados da nova crítica americana: esqueçamos a biografia, ou até mesmo contexto sócio-histórico, de uma obra literária e concentremo-nos na sua estrutura interna, avaliando-a pela sua capacidade de comunicar uma visão artística em





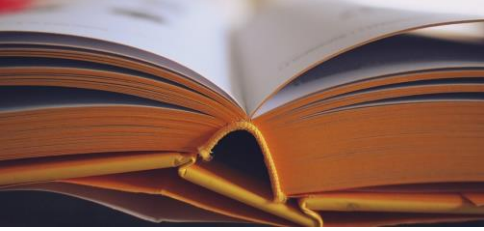
harmonia formal, para além do espaço e do seu tempo, cada palavra ou frase transmitindo ironia, tom, e andamento temporal na recriação de universos paralelos.

Lida assim, *A Gaivota* ultrapassa certas passagens que nos ficam em branco, mas o que nos oferece é precisamente esse momento revelador da “alma” dos seus personagens, no que um poeta chamou num dos seus versos *o instante suspenso*, esse estado de alma que só por si define todo um território e tempo.

*A Gaivota* é esse mundo visto ou apreendido nesse *instante suspenso*, um mundo de mistérios e sombras em tempo de guerra, uma espécie de poema filosófico que antecede o suicídio contínuo de uma civilização muito antiga, a Europa real e imaginária, os canhões em marcha e o poeta olhando pela janela à espera do seu destino. Não há trama aqui, há um longa conversa entre um alto funcionário de meia idade, num ministério do Governo em Budapeste, aliado do Eixo, e uma mulher jovem finlandesa à procura de exílio consentido, de nome Aino Laine/Única Onda, que lhe aparece inesperadamente pedindo ajuda na sua legalização no país a fim de exercer as funções de professora. Momentos antes da sua chegada ao ministério, o seu anfitrião tinha acabado de redigir e assinar um documento dirigido ao Ministro, que o narrador diz irá mudar o curso dos eventos trágicos para milhões de pessoas, e que mantém o leitor sempre à espera de saber o teor desse texto, ou então os acontecimentos que supostamente vai despoletar.

Chegamos ao fim sem nunca descobrirmos uma coisa ou outra, mas creio que isso faz parte da intenção do autor – esquece os grandes e mesmo decisivos acontecimentos à tua volta, agarra o dia e a noite enquanto te é possível viver como queres ou sonhas. Eventualmente, saberemos de uma série de coincidências profissionais e pessoais que juntam o ministro e a finlandesa, mas antes disso acompanharemos os dois a uma ópera seguida de uma longa conversa no apartamento luxuoso do seu momentâneo tutor e possível amante.

Li algures que esta é outra peça literária de uma burguesia europeia entre uma guerra e outra, uma burguesia de braços caídos em perpétua saudade de uma Europa, que ela própria constrói e cria um mundo de arte e beleza para depois queimar tudo à sua volta. É isso que sobressai em primeiro plano desta breve narrativa – a condição existencial do momento, os valores da sobrevivência, contra a fatalidade da guerra e do desespero. A beleza e sensualidade da mulher aqui representada é como que, ante o funcionário ministerial húngaro na noite da sua longa conversa, a única justificação para se estar vivo. Aino parece-lhe quase como um fantasma que ele julga ser o regresso de uma outra mulher que ele amara, e que se suicidou há uns bons anos. O simbolismo e metáfora são um só elemento portador do que nos



parece ser a intenção temática desta novela – o jogo de espelhos que tanto leva ao engano e à morte nações inteiras, como poderá levar ao suicídio os seres que amamos, sem que nunca os possamos proteger do seu e nosso destino.

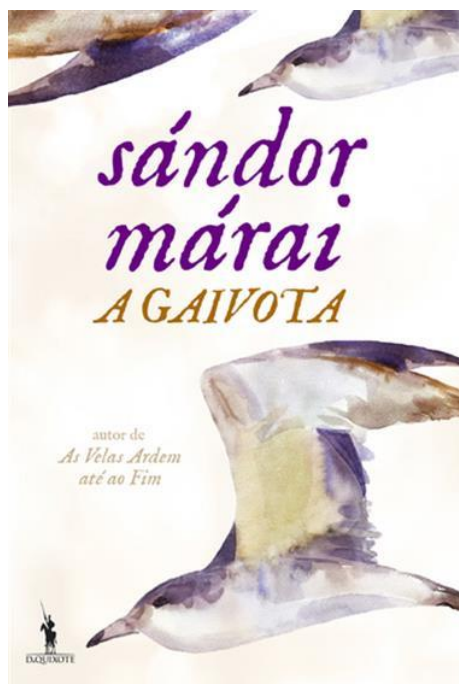
Nunca saberemos quem Aino é verdadeiramente, mas isso só reforça o que venho dizendo aqui na minha leitura de *A Gaivota* – não importa se nela vemos a beleza e a possibilidade do amor, não importa se tudo está condenado às chamas ou ao esquecimento, importa a visão, por mais breve que seja, do outro lado do inferno. No fim, Aino parte, sem mais nada explicar, disse de onde vinha mas não para onde ia agora, ao seu anfitrião resta-lhe espreitar a sua partida por uma ponte congelada sobre o Danúbio, onde só as gaivotas sobrevoam a brancura de vida e morte, a cidade pelo meio indiferente ou ameaçadora na História e da consciência magoada e solitária que nela habita.

“Apaga a luz – diz o narrador do governante, quando Única Onda deixa o seu apartamento luxuoso – do candeeiro e abre a janela. Lá fora na rua escura está a nevar. Em baixo, a afastar-se, a figura branca e esbelta avança apressadamente entre flocos de neve. Consegue vê-la, por um instante, na esquina, por baixo da luz obscura do poste de iluminação, através do véu mágico e reluzente dos flocos de neve. Vai em direcção ao rio com passos enérgicos, flutuantes. Anda com ligeireza por cima do manto branco, como se isso fosse um elemento familiar. Dobra a esquina e desaparece”.

Parte da narrativa pertence à voz de Única Onda/Aino, quando ela conta ao seu anfitrião a sua passagem pela França nos dias que antecedem a entrada dos alemães, e depois de abandonar a Finlândia e a destruição da sua casa de nascença. Mulher bonita, inteligente e culta, tinha acompanhado um escritor a um jantar num hotel de luxo e tradicional algures no interior do país, precisamente nos dias que precederam a invasão alemã, e o grupo de políticos, escritores e outras figuras da alta sociedade que actuavam e falavam como se o seu mundo vivesse na normalidade, a burguesia bem intencionada a pretender que o que se passava na Europa não era com ela, ou, nesse seu fingimento masoquista, que tudo permaneceria sem grandes sobressaltos.

A memória histórica está aqui deliberadamente ausente, o esquecimento um outro modo de negação a que as classes dominantes se rendiam. A melancolia do velho continente metaforizada no relato da finlandesa, nas cenas de um banquete e do luxo em que decorre o jantar desta elite, que depressa iria tolerar o jugo do seu histórico inimigo do outro lado da fronteira. O sentido da História trágica de uma civilização decadente que vive desde há séculos o melhor e o pior da humanidade. Arte e morte, vida e sombra, o perpétuo voo da gaivota sobre um rio congelado em busca da salvação.

Sándor Márai abandonou do seu país em 1948, aquando da chegada do comunismo a Budapeste. Suicidou-se em San Diego, na Califórnia, em 1989, pouco antes da queda do regime comunista na sua pátria, já em idade bem avançada, depois de todas as perdas pessoais e nacionais. Estava canceroso, e o círculo fechava-se para sempre. Sándor Márai pertence a uma época e grupo de escritores europeus do entre-guerras, que viram a catedral a arder, mas salvaram a sua memória na arte e no canto.



Sándor Márai, *A Gaivota* (tradução de Piroska Felkai), Lisboa, D. Quixote, 2016.

## 'O matadouro', a primeira obra-prima de Sándor Márai

[alfredo urdaci](#)

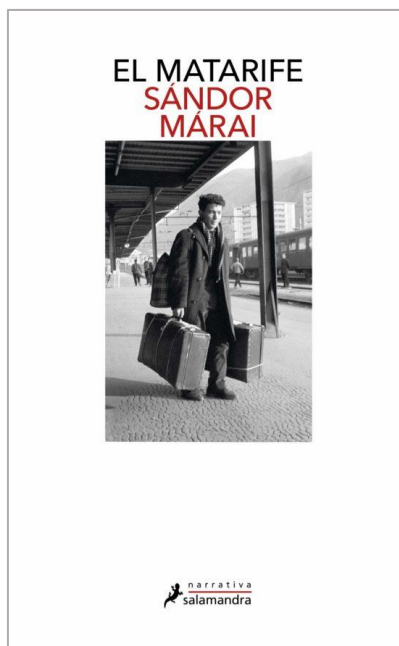
27 de abril de 2022



*O Açougueiro* é o longa de estreia de Sándor Márai. É um conto, um pequeno texto em que o leitor constata que Márai era dona de seu estilo, sutil, suave e profundo, desde suas primeiras publicações. A história que ele conta é simples: a ascensão à criminalidade de uma criança nascida em uma cidade do Margraviate de Brandemburgo, perto de Berlim, nos anos finais do século XIX.

Os leitores de Márai, aqueles que se lembram daquele ápice literário que é **O último encontro**, verificarão que **El matarife** já tem as marcas do estilo do escritor húngaro. Neste pequeno romance, Márai responde a algumas questões fundamentais sobre a história europeia do século XX com a vida de **Otto Schwarz**.





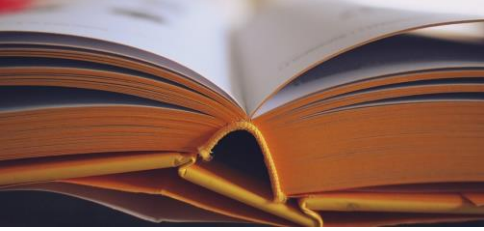
O matadouro. Sandor Marai. Tradução do húngaro por Mári Szijj e José Miguel

González Trevejo

O menino Schwarz, órfão de mãe, filho de um seleiro, descobre sua vocação nos impulsos hormonais que lhe são despertados pela visão do sacrifício de um boi em um dia tórrido de agosto. Esse evento ficou com ele aos nove anos de idade com a força de um triunfo jubiloso. **«Foi tomado por uma turva satisfação pelo bem-sucedido sacrifício do animal, algo sobre o qual não havia dúvida, mas também pela própria matança, pelo acto de matar, que lhe foi revelado como um acto incondicionalmente positivo: o definitivo solução de um problema»**. O menino estremece de prazer ao ver como os olhos arrancados da cabeça do bovino estouram como balões numa chapa de ferro quente. Uma festa.

Otto, pouco dotado para matemática ou linguagem, se recusa a continuar o trabalho do pai, de quem mantém uma distância sombria e silenciosa. **Sua vocação é sangue quente**. Apesar da decepção de seu pai, Otto vai para Berlim para aprender o ofício de matar e entrar no calor das carcaças e separar os órgãos com a precisão de um cirurgião.

O romance logo dá indícios de que estamos presenciando a reconstrução da vida de um criminoso, a exposição das confissões de um processo judicial que colocou Otto no banco dos réus. A revisão de sua vida passa pela escola de crueldade da Primeira Guerra Mundial, no front sérvio. **Matar feras, sacrificar humanos**, sentir o último suspiro de uma vida quando a faca ou baioneta é cravada.



Márai é tão precisa em suas frases que é capaz de resumir uma tragédia em poucas linhas: «**a linha divisória entre os períodos da vida de Otto separados pela guerra deve ter sido importante para o ministério público, mas todas as investigações ligadas à sua vida pré-guerra fornecia apenas circunstâncias atenuantes. Sobre aqueles anos, seus conhecidos e colegas não podiam contribuir com nada fora do comum. De acordo com o testemunho de seu professor, ele era um trabalhador diligente, pontual e confiável.** Ele está retratando a geração de alemães que levou Hitler ao poder.

Na vida de Otto só há uma referência: o retrato do imperador que presidia a oficina do pai: «**esta efígie foi o único preceito da sua vida, bastava-lhe olhar para que a sua consciência se comovesse e sentisse ansioso e insatisfeito consigo mesmo** ». **El matarife** é a história da evolução psicológica de um homem que descobre cedo na vida que há mais prazer em trilhar o caminho bestial do que o humano, que o poder recompensa a obediência criminosa com medalhas. Em **El matarife** Márai já é mestre na gestão do detalhe, do seu poder sintético e revelador, da sua capacidade de conhecimento profundo da psicologia.